

## A Memória, a História e a Denúncia entre Homens e Caranguejos: a literatura como elemento eloquente de crítica e desvelamento da realidade na obra de Josué de Castro

Tayguara Torres Cardoso – UERJ

### RESUMO

Este artigo aborda o papel da literatura e linguagem literária na obra de Josué de Castro. Analisa-se a influência das ideias e linguagem de escritores literários brasileiros nas concepções teóricas de Josué de Castro e a importância que este autor dá a escrita literária como elemento eloquente de reconstrução da memória, da história e como denúncia dos efeitos perversos de decisões econômicas e políticas sobre determinados segmentos da sociedade, denúncia esta encontrada, principalmente, no trabalho literário de Castro, “Homens e Caranguejos”.

Palavras-chave: Josué de Castro. Literatura. Memória. “Homens e Caranguejos”.

### ABSTRACT

This article deals with the role of literature and literary language in Josué de Castro's work. It analyses the influence of Brazilian literature writers ideas in Josué de Castro's theoretic conceptions, and the importance that this author gives to the literary writing like an element of reconstruction of memory, of history and of denunciation of bad political and economic social actions, denunciation which is available, chiefly, in Josué de Castro's literary work, “Man and Crabs” (Homens e Caranguejos).

Keywords: Josué de Castro. Literature. Memory. “Man and Crabs” (Homens e Caranguejos).

*A Rachel de Queiroz e José Américo de Almeida, romancistas da fome no Brasil.*

*À memória de Euclides da Cunha e Rodolfo Teófilo, sociólogos da fome no Brasil.*

A citação que serviu de epígrafe para este tópico é a mesma epígrafe de *Geografia da Fome* e diz bastante sobre o “quadro literário”<sup>1</sup>, o papel da literatura na obra de Josué de Castro. Este dedicou o livro que escreveu para ser sua obra prima a quatro escritores que, talvez à exceção injusta sofrida por Rodolfo Teófilo, são dos mais consagrados da literatura brasileira. Escritores que, à exceção de Raquel de Queiroz, escreveram não só romances, mas também livros de Ciência que tinham por objeto o Nordeste e suas secas.

Neste, como em outros de seus trabalhos, Castro busca registrar o importante papel que a literatura exerce em sua obra, e sua dívida para com a obra dos sertanistas<sup>2</sup>. Este reconhecimento pode fornecer algumas pistas sobre as influências que a escrita literária possa ter exercido nas obras deste grande pensador.

Percorrendo as páginas de sua principal obra – e também de outras – topamos mais que ocasionalmente com a presença da abordagem literária sobre temas relacionados ao Nordeste e a seus sertões. Em *Geografia da Fome*<sup>3</sup>, pululam verdadeiras referências à literatura, utilizando-a – a lém de elemento “reforçador” do traçar de um quadro sobre a situação brasileira e seus principais problemas – como base de análise científica e “fonte” de informações, principalmente sobre a região nordestina.

- 1 O termo “quadro literário” tem o sentido de uma espécie de caráter de “moldura” que a literatura pudesse exercer sobre o pensamento de Castro. Penso que tais quadros no caso de Josué são importantes devido ao peso que este confere à literatura em sua obra, facilmente identificável em seus escritos.
- 2 No prefácio de “Homens e Caranguejos” escreve: “Quero deixar consignada minha profunda gratidão pela inestimável contribuição que representou na elaboração deste livro a leitura das obras de três grandes poetas do Nordeste: Ascenço Ferreira, Joaquim Cardoso e João Cabral de Melo Neto” (CASTRO, 2001, p. 22).
- 3 Castro, 1987.

A Perspectiva interdisciplinar desta sua principal obra, aludindo a questões climáticas, botânicas, geográficas, agrícolas, antropológicas e sociológicas como meio de estudo científico do fenômeno da Fome, coincide claramente com a abordagem “plural” científica e literária da Terra (fauna, flora, geologia), do Homem (considerações sociológicas e antropológicas do homem sertanejo) e da Luta (a campanha de canudos) no interior dos sertões nordestinos empreendida por Euclides da Cunha em *Os Sertões*<sup>4</sup> e com a perspectiva igualmente plural de Rodolpho Teóphilo em sua *História da Seca do Ceará*<sup>5</sup>, onde o autor procura relacionar elementos geológicos, sociais e culturais na sua análise sobre a seca de 1877 no Ceará e busca relacionar aspectos culturais e políticos causadores da miséria em seu romance *A Fome*<sup>6</sup>, tema foco das obras de Castro. Raquel de Queiroz escreveu o famoso “O Quinze”<sup>7</sup> romance que narra o drama da retirada assim como *A Bagaceira*<sup>8</sup> de José Américo de Almeida, autor também do famoso livro científico *A Paraíba e seus problemas*<sup>9</sup>.

Abundantes são, portanto, os indícios da importância da linguagem literária nas obras de Castro, importância no sentido de carregar de eloquência e humanidade a escrita por vezes fria da ciência pura e “neutra”. Na obra de Castro, a literatura aparece como elemento comunicador e de tomada de posição do autor para com a realidade vivida e analisada. Ela ilustra, dá cor, cheiro e textura ao drama da fome e suas mazelas.

Neste contexto, ganha destaque na obra do pensador pernambucano um romance onde memórias de infância e perspectivas científicas e políticas se entrelaçam para contar a história não só de um povo, mas de projetos de nação e seus fracassos e de iniquidades históricas que desembocam nas águas lamacentas dos mangues de Recife. Nesta obra, escritor, político, cientista e ser humano se fundem para mostrar coisas que a ciência sozinha não pode eloquentemente dizer, revelando o peso e o papel da literatura na escrita de Castro, que procura dizer muito, narrando uma vida, num romance revelador, entre *Homens e Caranguejos*. Sua análise nos ajuda a melhor iluminar algumas facetas do pensamento deste ilustre intelectual.

4 Cunha, 1936.

5 Teóphilo, 1883.

6 Id., 2002.

7 Queiroz, 1987.

8 Almeida, 1974.

9 Almeida, 1974.

## HOMENS, CARANGUEJOS E MANGUE: PROLONGAMENTO DO LATIFUNDIARISMO, E DO DESEMPREGO

Mas será este livro um romance? Ou não será mais que um livro de memórias? Talvez, sob certos aspectos, uma biografia?

Não sei. Tudo o que sei é que, neste livro, se conta a história de uma vida diante do espetáculo multiforme da vida. A história da vida de um menino pobre abrindo os olhos para o espetáculo do mundo, numa paisagem que é, toda ela, um braço de mar – um longo braço de um mar de miséria.

[...]

Procuro mostrar neste livro de ficção que não foi na Sorbonne, nem em qualquer outra universidade sábia, que travei conhecimento com o fenômeno da fome. O fenômeno se revelou espontaneamente a meus olhos nos mangues do Capibaribe, nos bairros miseráveis da cidade do Recife: Afogados, Pina, Santo Amaro, Ilha do Leite. Esta é que foi a minha Sorbonne (CASTRO, 2001, p. 9-10).

*Homens e Caranguejos* é um dos últimos escritos em forma de livro de Josué de Castro. Constitui um desembocar de vários de seus impulsos literários, em sua maioria das décadas de 30 e 40<sup>10</sup>, num romance que pretende, ao que parece, contar um pouco da história do Manguê. Mas contar mais uma história “vívda” tal como assume Halbwachs (1990) ao falar de memória, uma história que contenha carne, osso e nervos em cotidiana luta, mais ossos e nervos, no caso deste romance “um tanto magro” como o próprio Josué de Castro afirma.

Este romance de Castro se torna de grande importância para um melhor entendimento de aspectos de sua obra sobre o Nordeste, seus sertões e as relações sociais que prevalecem entre ricos e pobres no campo e na cidade. Embora não fale diretamente da área agrícola e se passe nos mangues do Recife, ou seja, na parte urbana, na capital do estado de Pernambuco, ele fala dos “filhos” do campo nordestino e do sertão, das consequências humanas das relações econômicas e sociais e das políticas governamentais que vigiam no campo e na cidade de sua época. Contando a história do Manguê, Castro

10 A maioria destes contos consta em seu livro “Documentário do Nordeste” (CASTRO, 1959).

procura contar também a história, de uma maneira um tanto amargurada, do resultado das políticas de sucessivos governos que tiveram como foco o nordeste e dos efeitos do latifundiarismo secular tanto do sertão como também da zona da mata. Josué de Castro escreveu este romance no exílio, ou seja, no momento em que a ditadura militar se abatia sobre o país tomando para si as diretrizes e as políticas sociais implementadas no Brasil em geral e no Nordeste em particular, direcionando-as conforme o que se considerava como prioridade, direção que excluía brutalmente as vozes discordantes. Não é difícil imaginar as amarguras que o exílio pode impor a um intelectual atuante que, do exterior e sem poder atuar diretamente nos destinos de seu país via se distanciar a possibilidade de uma verdadeira transformação do Brasil. Esta amargura e denúncias transparecem das entrelinhas do romance. Aparecem neste, imbricadas, amargura e denúncia na estória de um menino, vivendo em meio a estruturas e iniquidades sociais que ele não ajudou a construir fruto de intrincadas relações de poder e decisões. A história de João Paulo é uma espécie de grito de alerta de Josué de Castro com toda a carga de denúncias feitas por ele ao longo dos debates que ocorreram nos anos 50<sup>11</sup>, a denúncia de que havia a necessidade de se pensar, além de na economia, também nas pessoas, na cultura e principalmente nas consequências do que se faz, como meio de promover um desenvolvimento verdadeiramente social.

Embora não fale diretamente dos sertões e do campo, este romance versa sobre seu *prolongamento*, provocado por aquela rede de relações de poder nacionais e internacionais, que, enredando decisões políticas, expurgava pessoas e concentrava terras. É neste sentido que a análise deste romance se torna de grande interesse por ser, de certa forma, um relato dos efeitos, “na ótica do autor”, das decisões tomadas e implementadas pelas esferas de poder do país, isto é, os efeitos de um projeto de nação “vencedor” de fins dos anos 50 e 60.

De características muito peculiares, *Homens e Caranguejos* é, ao mesmo tempo, ficção e reconstrução de memórias e veículo de denúncia intencional. Reconstrução dos quadros sociais de infância vividos pelo autor – filho de Pai sertanejo, “retirante” da seca de 1877, e mãe da Zona da Mata, filha de senhores de engenho – vivendo desde muito tenra idade, ao lado dos mangues do Capibaribe (SILVA, 2000).

A casa em que nasci tinha ao lado um grande viveiro de peixes, de caranguejos e de siris. Se não nasci mesmo dentro do viveiro, como os caranguejos, já com

11 Análise estas denúncias e debates em minha dissertação de mestrado (CARDOSO, 2007).

dois anos estava dentro dele. Escorreguei um dia no barro de suas margens e fui retirado de dentro de suas águas meio afogado. Daí em diante, mergulhar nas águas do mangue tornou-se um hábito. Mudei-me depois para outro bairro mais perto do rio. Fomos morar na Madalena, numa velha casa colonial de um só andar, com seis grandes janelas de frente. Casa grande, acachapada com sua pesada massa arquitetônica, montada como uma fortaleza em seus altos batentes, por onde subiam os caranguejos em tempos de cheia até o terraço, os mais ousados entrando mesmo nas salas [...] (CASTRO, 2001, p. 14-15).

Dessa maneira, Josué de Castro, desde a infância, tomou contato com a sociedade de “homens e caranguejos” que eram “irmãos de leite” nos mangues do Recife e, a partir da reconstrução de suas lembranças de infância e deste “cenário” construiu as personagens de seu romance, onde a principal delas, João Paulo, era um menino – pobre como Castro também relativamente<sup>12</sup> o foi – morador do Mangue, que procurava sempre tentar entender o porquê de tanta miséria.

João Paulo, dos mangues, olhava os prédios luxuosos e casas do outro lado do rio, e perguntava:

- Pai, por que a gente veio morar aqui no mangue?
- Porque quando viemos do interior foi aqui que encontramos a nossa terra da promessa, o nosso paraíso – responde Zé Luís com uma voz tranquila.
- Paraíso dos caranguejos – acrescenta em tom de revolta a mãe de João Paulo.

Mas o menino volta à carga;

- Mas por que aqui no mangue? por que não fomos morar na cidade, do outro lado do mangue? Lá é tão bonito, tão diferente, é como se fosse outro mundo.
- Foi o destino João Paulo, que nos trouxe aqui – responde o pai.
- Lá do outro lado é o paraíso dos ricos, aqui é o paraíso dos pobres – diz-lhe a mãe fitando-o bem dentro dos olhos [...] (CASTRO, 2001, p. 30).

12 Pode-se dizer que seu pai era um comerciante “remediado”.

Neste fragmento emerge o choque que é a irracionalidade de uma ordem profundamente desigual, onde luxo e pobreza vivem separados por poucos metros. João Paulo é a própria vida, o próprio espírito indagador, abrindo os olhos diante do espetáculo da vida e da miséria. É uma criança que, não dispondo ainda de “muitos termos de comparação” como diz Halbwachs, e estando ainda bastante fora das “conversas dos adultos”, não consegue compreender o porquê desta situação, e a dúvida permanece, martelando constantemente em seu espírito. O “destino” como explicação não o satisfaz no sentido de dar conta da pobreza e da desigualdade que o rodeava.

A personagem João Paulo tem muito do menino Josué de Castro e torna-se, além de um poderoso instrumento de reconstrução de suas memórias, o retrato de uma perversa irracionalidade. João Paulo é a representação da profundidade com que as imagens da fome e da miséria, imprimiram-se no espírito do autor desde menino. Através desta personagem Castro pôde reconstruir suas relações sociais de infância, seus amigos, e com isso recobrar, em cores vivas, o grande sofrimento dos moradores do mangue, algo que claramente intentava fazer:

Durante um bom pedaço (talvez o melhor pedaço) de minha vida morei perto dos dois [Cosme e Chico] bem junto à zona dos mocambos de Madalena: dos 8 aos 14 anos [...] Pretendo tratar de alguns retalhos da vida de dois indivíduos que foram meus amigos, que me impressionaram fortemente nos meus dias de criança e que viviam ao lado de nossa casa nesta cidade do Recife, que é, sob certos aspectos, a Hong Kong da América.

[...] Moravam lá a negra Filomena contadora de estórias da África e do reino, o mulato Nascimento Grande, valente de profissão, Zuza, mestre pastoril mais famoso do Nordeste e rei de um Maracatu do qual já esqueci o nome e Cosme e Chico que foram meus dois grandes amigos de infância (CASTRO, 2001, p. 45).

Todos estes amigos de infância, já lembrados em seus contos anteriores no livro “Documentário do Nordeste”, se tornarão personagens no romance de Castro, a negra Filomena, viria a ser a negra Idalina; Nascimento Grande, viria a ser o Mateus “Vermelho”, Cosme e Chico, os “melhores amigos” do menino Josué, viriam a ser eles mesmos...etc. No entanto, tais personagens, e a reconstrução das memórias de infância do autor abundantemente enxertadas no livro, dentro da narrativa do romance, obedecem a uma certa linearidade, a uma lógica, que pode lançar forte luz sobre toda a obra de Castro, mesmo a científica, explicando suas posições políticas frente a projetos e assuntos que envolvem questões como sertão nordestino, seca e situação fundiária.

Entretanto, ao contrário do que possa parecer à primeira vista, apesar de João Paulo ter muito de Josué de Castro, no entanto, não é Josué de Castro menino, não é a transposição total do autor em sua obra de romance. Em verdade, mais se adequa a ser uma espécie de “índice”, de um instrumento e de uma projeção de um futuro provável. Da mesma maneira, se o pai e a mãe de João Paulo têm muito do pai e mãe de Castro eles não são o pai e a mãe de Castro totalmente “transpostos” para as páginas do livro, são também índices, instrumentos e projeções de um futuro provável. Castro mistura suas próprias memórias aos personagens como meio de contar a história do homem sertanejo, do campo e do operário urbano excluído, transformados em “homens caranguejo”. Nisto reside um ponto interessante, senão central, de onde se pode apreender a lógica e a “mensagem” que perpassam todo o texto, ao qual voltarei mais à frente.

Com a separação dos pais, algo incomum para a época, Castro foi morar com a mãe, próximo aos mangues do Recife, passando, então, a dividir sua vida entre os dois. Morava e estudava com a mãe, que era professora, e ia passar as férias no sertão, na fazenda do pai. O pai era remediado, mas a mãe era pobre. Com algum sacrifício, o pai custeou os estudos do filho na Bahia e no Rio de Janeiro. Josué de Castro não era exatamente “pobre” como os moradores do mangue; no entanto sua proximidade para com eles lhe forneceu os quadros e as imagens utilizados na construção do romance, escrito como um índice da história do mangue, expondo sangue, nervos e cotidianos da memória histórica destes “lamaçais” e fazendo a projeção de um “futuro provável” destinado aos habitantes destas paragens, sombrio por sinal, caso nada fosse feito em relação às causas da exclusão, que são, dentre outras, baixos salários, precária educação, latifundiarismo e atraso no campo.

Na construção da história, Castro estará dialogando implicitamente com várias visões sobre o que é o mangue<sup>13</sup> de sua época e reordenando as imagens e quadros de infância através de uma criação literária coerente.

Em meio ao reordenamento de lembranças e ao processo de construção literária, o autor parte de uma ideia, eminentemente original, que define aquilo do que se vai falar e dá o contorno daquilo que lhe interessa mostrar. No prefácio do livro, após traçar alguns processos de formação geológica, Castro formula seu “conceito de mangue”, ou melhor, da “sociedade dos mangues”, que se forma a partir das iniqüidades estruturais no campo em nosso país:

13 Duas visões, diante das quais Josué de Castro toma posição original, são as visões “culturalistas”, das quais Castro se distingue mostrando o “amargo” do “doce” dos mangues e da visão “higienista”, à qual Josué interpõe o lado “doce” e rico dos mangues, mostrando que não é com remoções e violência que se anula o problema da pobreza e da moradia precária.



[...] Desta sociedade que, economicamente também é anfíbia, pois que vegeta nas margens ou bordas de duas estruturas econômicas que a história até hoje não costurou num mesmo tecido: a estrutura agrária feudal e a estrutura capitalista. Estruturas que persistem no nordeste do Brasil, lado a lado, sem se fundirem, sem se integrarem até hoje no mesmo tipo de civilização.

A sociedade dos mangues é uma sociedade impressada entre estas duas estruturas esmagantes. É uma sociedade que, comprimida pelas duas outras, escorre como uma lama social na cuba dos alagados do Recife, misturando-se com o caldo grosso da lama dos mangues (CASTRO, 2001, p. 14).

É desta sociedade, a sociedade da exclusão, impressada e lamacenta que Castro pretende contar uma história viva. Através da narração de relatos, fictícios ou não, começa a delinear como ela foi formada, colocando as próprias pessoas para narrar as histórias delas mesmas e ele mesmo contando um pouco da história social do mangue:

Nesta noite insistiram com ele para contar como viera parar nos mangues, como viera habitar a Aldeia Teimosa [...] Começou tropeçando nas palavras, vencendo com esforço o emaranhado das ideias. Depois, foi tomando embalagem e a sua história corria como um rio, banhando de felicidade a alma de João Paulo.

- História de fome não é história que se conte - começou Zé Luís -, é só tristeza. Tristeza e vergonha. História feia. Mas, se vocês querem, eu conto assim mesmo. Conto a tristeza e a vergonha que a gente passou na seca de 1877 [...].

[...]

eram retirantes de outras secas, tangidos pelo vento de fogo do sertão, como um monturo humano. Eram emigrantes expulsos do outro latifúndio - o do açúcar -, este bem mais protegido pela lei, onde não podia haver invasões de terra. O que havia era o regime do arrocho, do trabalho esfalfante no eito da cana, sem tempo nem permissão para se plantar um só pé de milho ou de feijão para ajudar a matar a fome da família E, assim, o latifúndio do açúcar secretava sempre seus excessos de gente que o latifúndio da lama absorvia como um mata-borrão [...]. A metrópole pernambucana ia virando uma mocambópolis (CASTRO, 2001, p. 106).

Tal sociedade se formara, segundo seus próprios “cidadãos” o demonstram, das consequências de erros da agricultura, das vítimas dos salários de fome do operariado recifense e dos desempregados. Na formação dos mocambos, além dos retirantes da seca e do açúcar, Castro registra a existência de alguns poucos operários-como o “Mateus Vermelho” que, por seu apelido, devido à cor de seus cabelos, era constantemente confundido como comunista, tornando-se vítima de muitas perseguições por parte da polícia – e muitos desempregados e subempregados de toda a sorte. O mangue, não obstante a sua bela cultura de Maracatus, Reisados e Bumba-meu-Boi, era a própria imagem do descaso do governo e do sistema. Governo que, frequentemente, com sua sede de impostos e espaços, atrapalhava ainda mais a já atribulada vida dos mangues.

Da campanha do governador fazia parte não só a destruição dos mocambos colocados às portas da cidade ou ao lado de suas principais vias de acesso, mas, principalmente, a interdição de que se construíssem novos mocambos. Só se permitia a construção de casas de telha como aquelas que estavam construindo os institutos de previdência e onde iriam morar os operários amparados pela lei. Mas esquecia também o governador que os moradores dos mocambos não eram operários. Eram, em sua esmagadora maioria, desocupados que viviam de expedientes ou biscates, ou, em última instância, da pesca de caranguejo, por não encontrarem outro gênero de trabalho. É que só o mangue e o mocambo estavam à altura de suas posses. No mangue, o terreno não é de ninguém. É da maré. Quando ela enche, se avoluma e se estira, alaga a terra toda, mas quando ela baixa e se encolhe, deixa descobertos os calombos mais altos. Nestes calombos de terra levantam os retirantes os seus mocambos com as paredes de varas de mangue traçadas e de lama amassada [...]. O mangue é um camaradão. Fornece tudo: casa e comida, mocambo e caranguejo. Não era, pois, fácil para esta gente de economia tão restrita romper assim com o mangue só para cumprir as instruções do governo. O que era necessário era burlar estas instituições (CASTRO, 2001, p. 107).

Qualificando a sociedade dos mocambos, como e principalmente de que foi formada, Castro procurou mostrar como viviam e as agruras que sofriam. Procurava mostrar as privações por que passavam estas pessoas, que muitas vezes tinham que lutar “na marra” pelo simples direito de existir.

Para burlar instituições e lutar pelo direito de existir os habitantes dos mocambos usavam de criatividade e união, passavam a construir os mocambos fora das vistas da polícia, utilizavam-se de subterfúgios – tais como “festas iscas” barulhentas – para desviar a atenção dos fiscais e poderem construir seus mocambos à noite, alteravam a marcação e loteamento feitos pelos “grileiros” de terras do mangue amigos da situação, enfim utilizavam uma série de subterfúgios para poder sobreviver.

Tal espetáculo se desenrolava diante dos olhos abertos e do espírito indagador de João Paulo que, não compreendendo tanta miséria, se deleitava com as instruções, sabedoria e orientações de Cosme, um sertanejo que havia ficado paralítico devido às doenças que contraiu na Amazônia, para onde partiu mais jovem levado pelas promessas do surto da borracha e que, mutilado, voltara para ser vítima do desenvolvimento do latifundiarismo no sertão e que agora lutava pelo direito de, pelo menos, viver na lama. Esta proximidade com Cosme e a luta pela sobrevivência batiam fundo na alma de João Paulo e suas indagações existenciais iam num crescendo constante.

O desenrolar dos acontecimentos que envolvem João Paulo e o “crescer” de suas dúvidas quando o romance passa a caminhar para seu clímax, permite retornar à análise da mensagem e da lógica central do romance, em seu aspecto de índice e de projeção de um “futuro provável” para a gente do mangue. Com a figura de João Paulo se desprendendo mais nitidamente da figura do menino Josué de Castro ao final do romance – mostrando porque este autor não “era” João Paulo, ou o porque de Castro “não saber” dizer se não era João Paulo, não saber se João Paulo era a sua própria autobiografia –, mais clara se torna a visão do próprio autor sobre as consequências das práticas e das políticas que vinham sendo aplicadas pelo governo até então.

Na parte final do romance, após uma cheia dos rios que arrasou os mocambos e pôs a desnudo toda a vulnerabilidade das condições de vida daquela gente, fazendo grassar a fome e as doenças, tudo estava arrasado, tudo havia virado um mar de misérias:

A cheia foi a gota d'água que fez transbordar todo o fel da taça de amargura desta gente. E agora. Quando as águas baixavam, o amargor da vida se tinha espalhado por toda parte, contaminando tudo. Já não construíam suas casas como dantes, com música e cantoria. Mas num silêncio opressor de condenados à morte. Já não havia maracatus nem bumbas-meu-boi. Só havia tristeza e desolação. Apenas Joça, com o cérebro sempre ardendo na cachaça, conseguia manter-se bem humorado no meio da tristeza geral (CASTRO, 2001, p. 161).

Depois destes indizíveis dias, e de muitas perguntas sem resposta, a personagem João Paulo se ensimesmava, desiludida e decidida a achar de vez a resposta para suas indagações;

João Paulo já não era mais o mesmo. Estava mudado. Já não respirava o ar da vida com a mesma sofreguidão de outrora. Com a morte de seu amigo Cosme e a inesperada fuga da preta Idalina, levando com ela Oscarlindo, seu companheiro de jogo, a aldeia perdera para João Paulo suas grandes seduções. O mangue agora lhe parecia apenas um espesso e lodoso borrão de lama, sem nenhum interesse. Seus olhos já não vislumbravam na paisagem cores alegres. Só cores sombrias lhe falavam no coração (CASTRO, 2001, p. 177).

A partir deste momento, Josué de Castro contará o desembocar da estória desta gente, o final para o qual já havia chamado a atenção mais de 20 anos antes no conto do “Ciclo do Caranguejo”, final que esboça um cenário de um futuro provável, caso não se dê maior atenção às causas do mangue, em todos os sentidos. A personagem de João Paulo, após se juntar à luta armada organizada pelos habitantes do mangue contra a opressão das forças do governo, desaparece em meio à lama dos mangues, preso ao quase inexorável ciclo do caranguejo, onde tudo é e será caranguejo: “É por isso que os habitantes dos mangues, depois de terem um dia saltado para dentro da vida, nesta lama pegajosa dos mangues, dificilmente conseguiam sair do ciclo do caranguejo, a não ser saltando para a morte e, assim, afundando-se dentro da lama” (CASTRO, 2001, p. 11).

Com o capítulo “De como João Paulo, ouvindo a tempestade dos homens, virou caranguejo” encerra-se o romance e o mistério autobiográfico. João Paulo não era Josué, mas Josué poderia ter sido João Paulo, se houvesse tido menos sorte. Poderia ter ficado preso ao ciclo do caranguejo, promovendo sua continuidade. João Paulo, neste momento, torna-se índice da história do mangue, de seus habitantes e do ciclo do caranguejo, situação onde, na corda bamba, no limiar tênue entre a pobreza e a miséria, ao menor desequilíbrio ou à mínima lufada de vento inconveniente qualquer um pode precipitar-se, tornando-se presa da lama e, parodiando Zygmunt Bauman, uma “Vida Desperdiçada”.

Neste ponto é que se avalia a importância das memórias de infância e da escrita literária como “moldura” que envolve o panorama do mangue e suas mazelas pintadas por Josué de Castro, e que se desvenda a lógica das reconstruções literárias das memórias transformadas nas denúncias que se quis fazer, feitas por quem esteve perto desta realidade que não fora apreendida através da “Sorbonne”:

A primeira sociedade com que travei conhecimento foi a sociedade dos caranguejos. Depois, a dos homens habitantes dos mangues, irmãos de leite dos caranguejos. Só muito depois é que vim a conhecer a outra sociedade dos homens – a grande sociedade. E devo dizer com toda franqueza que, de tudo o que vi e aprendi na vida, observando estes vários tipos de sociedade, fui levado a reservar, até hoje, a maior parcela de minha ternura para a sociedade dos mangues – a sociedade dos caranguejos e a dos homens, seus irmãos de leite, ambos filhos da lama (CASTRO, 2001, p. 13).

[...]

Criei-me nos mangues lamacentos do Capibaribe cujas águas, fluindo diante de meus olhos, pareciam estar sempre a contar-me uma longa história. O romance de suas longas aventuras de suas águas descendo pelas diferentes regiões do nordeste: pelas terras cinzentas do sertão seco, onde nasceu meu pai e de onde emigrou na seca de 1877 com toda a família, e pelas terras verdes dos canaviais da zona da mata, onde nasceu minha mãe, filha de senhor de engenho. Esta era a história que me sussurrava o rio com a linguagem doce de suas águas passando assustadas pelo mar de cinza do sertão, caudalosa pelo mar verde dos canaviais infindáveis e remansosas pelo mar de lama dos mangues, até cair nos braços do mar de mar. Eu ficava horas e horas imóvel sentado no cais, ouvindo a história do rio, fitando as suas águas correrem como se fosse uma fita de cinema (CASTRO, 2001, p. 16).

Todas estas memórias, que como diz o próprio Josué de Castro, lhe “entraram mais pelos olhos que pelos ouvidos” são reconstruídas e romanceadas no sentido de se evidenciar a ligação e o apreço que o povo do sertão tem para com sua terra e a perversidade do latifundiarismo do sertão e da zona da mata, que expele seres humanos que vão desembocar nos mangues para viverem como dejetos. A história que o rio conta é a própria metáfora da “retirada” tão abominada na literatura que o próprio Castro conhecia e reverenciava, com suas águas vindo desde os sertões, passando pela zona da mata e chegando aos mangues do Recife.

O manguê também é a própria metáfora da perversidade da industrialização e urbanização sem planejamento que respeite o homem, como já enfatizava o autor em um outro conto: “O Ciclo do Caranguejo”:

Nesse tempo espalharam pelo interior um boato que o governo tinha criado um ministério para defender os interesses do trabalhador e que com os fiscais da lei, a vida na cidade estava uma beleza, trabalhador ganhando tanto que dava para comer até matar a fome. A família Silva ouviu esta história, acreditou piamente e resolveu descer para a cidade, para gozar das vantagens que o governo bom oferecia.

Logo na chegada a família viu que a coisa era outra. Não havia dúvida que a cidade era bonita, com tanto palácio e as ruas fervilhando de automóvel. Mas a vida do operário, apertada como sempre. Muita coisa p'ros olhos, pouca coisa p'rá barriga (CASTRO, 1959, p. 25).

A reconstrução literária de Castro tem, portanto, sua lógica, linearidade e intencionalidade, procurando legitimar seu conhecimento como algo “concreto”, “vivo”, e não um conhecimento “abstrato”, distante, de salas de aula de universidades renomadas<sup>14</sup>, que ele no entanto frequentou. Tem o traço marcante da valorização do povo sertanejo e de denúncia das iniquidades sofridas pelo povo brasileiro em geral.

Assim como Euclides da Cunha e os romancistas nordestinos, Castro utilizou-se da arte para pintar os quadros lúgubres da fome, para torná-los vivos e se posicionar diante deles.

Analisando sua principal obra, suas lembranças de infância e a lógica de reconstrução literária e alocação de memórias de seu romance, pode-se entender a ferrenha defesa que empreendeu em outras ocasiões em prol de uma reforma agrária que fixasse o homem à terra, com renhida oposição às retiradas de população e de políticas industrializantes que não atentassem para a qualificação e absorção da mão-de-obra

Seu uso da escrita literária procura servir como denúncia e apelo que busca desmascarar as lâminas que sangravam a gente do Sertão, da Zona da mata e de toda a nação, que precipitavam os mais desvalidos na lama da miséria. É ao mesmo tempo um alerta e uma tentativa de resgate de um povo, uma nação de muitas potencialidades.

Com estas denúncias e estes apelos, Josué de Castro se embrenhou num dos mais ricos debates teórico-políticos brasileiros até nossos dias, o debate sobre o desenvolvimento de fins dos anos 50 e 60. A derrota de seu projeto voltado à reforma agrária e a efetiva aplicação do que ele justamente combatia

14 “Meu interesse pela fome não vem do que aprendo nos livros [...]” (apud SILVA, 2000, p. 90).

com o advento dos anos do regime militar teve profundas consequências sobre a transformação daquele Nordeste no Nordeste de nossos dias, que ainda padece de problemas em suas estruturas agrária e industrial.

Pode-se perceber, portanto o grande peso da literatura em sua trajetória intelectual e política e como a utilizava como meio de melhor comunicar as consequências das iniquidades e erros governamentais. Iniquidades e erros estes que o exilaram e o amarguraram, até sua morte precoce em setembro de 1973, fora do seu país, em Paris.

#### REFERÊNCIAS

ALMEIDA, José Américo de. **A bagaceira**. 13. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1974.

\_\_\_\_\_. **A Paraíba e seus problemas**. Rio de Janeiro: A União, 1974.

CARDOSO, Tayguara Torres. **O novo nordeste**: Celso Furtado, Josué de Castro e o debate sobre desenvolvimento e sertão nordestino em fins dos anos 50. Dissertação (Mestrado) – UERJ, Rio de Janeiro, 2007.

CASTRO, Josué de. **Geografia da fome**: o dilema brasileiro: pão ou aço. 10. ed. Rio de Janeiro: Antares, 1987.

\_\_\_\_\_. **Documentário do Nordeste**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1959.

\_\_\_\_\_. **Homens e caranguejos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

CUNHA, Euclides da. **Os sertões**. 13. ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1936.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1990.

QUEIROZ, Rachel de. **O quinze**. Ilustrações de Poty. 39. ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1987.

SILVA, Tânia Elias Magno da: Imagens da fome e o itinerário intelectual de Josué de Castro. **Cronos**, Natal, v.1, n.2, p.73-92, jul./dez. 2000.

TEÓFILO, Rodolfo. **A fome**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002.

\_\_\_\_\_. **História da Secca do Ceará**: 1877 – 1880. Fortaleza: Typographia do Libertador, 1883.